A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Os hespanhoes continuam a dar que fallar de si, mas, d'esta vez, não é só uma Cuenca, um Baldomero ou uma Pepa que se impõem ás nossas attenções: é a Hespanha em pezo; é todo esse paiz altivamente fidalgo, onde cada homem personifica o orgulho d'uma raça, onde cada mulher representa o ideal da belleza humana.

Julgavam-n'a uma nação anniquilada e morta. Mil guerras com o estrangeiro, cem contendas civis qual d'ellas mais terrivel, epidemias, terremotos, a America perdida, Cuba recuperada á força de rios de sangue e de montanhas de ouro, thronos baqueando e erguendo-se, republicas feitas e derrubadas entre incendios e mortes, a fome, a bancarrota, o solo por largos annos ingrato, isto tudo parecia ter enervado a virilidade possante d'aquelle povo de heroes, adormecido a energia mascula d'aquella vigorosa raça de luctadores.

Cuidavam todos que os aragonezes, esses valentes lendarios da Edade Media, tinham já desafivelado as armaduras com que foram á conquista de Napoles para garantir o seu dominio no Mediterraneo. Suppunha-se que

MONUMENTO DE D. PEDRO V, NO PORTO

os catalães, os mesmos que abriram caminho até ao Oriente com expedições formidaveis, haviam já succumbido sob o peso da adversidade e do infortunio. Navarros e vasconços, andaluzes e estremenhos, em cuja imaginação exuberantissima jámais se apagará o fogo do ideal que sustenta sempre vivo, em Hespanha e na America, o nume da patria, pareciam desanimados e abatidos perante a medonha realidade dos seus revezes enormes.

Castella, a terra do valor e da fidalguia, que conseguira formar um dos imperios mais vastos do mundo, afigurava-se-nos terra invadida pelo desalento, sem forças para evocar sequer a grandeza do seu passado glorioso.

E afinal, todos estes povos vivem ainda; as suas faculdades não se estinguiram; o seu vigor não se aniquillou. Empobrecidos pelas luctas intestinas, flagellados pelas convulsões do solo, açoitados por uma epidemia cruel que lhes rouba milhares de existencias preciosas, batidos por desventuras sem conto, os nossos irmãos da Peninsula souberam agora levantar-se, sacudindo a juba altiva d'antigas eras. Leões quebrantados mas indomaveis, gigantes adormecidos mas sempre ameaçadores e terriveis, bastou, para os accordar do seu fundo lethargo, que a rapacidade germanica tentasse exercer-se n'umas leiras insignificantes de territorio hispanico. A' primeira investida do usurpador calculista e machiavelico, ao primeiro salto da rapoza astuta do Norte, os hespanhoes não se preoccuparam mais com o cholera que os dizima, nem com a politica funesta que os divide, nem com as sublevações constantes que os enfraquecem, e, agrupados sob a mesma bandeira da patria, deixando escapar de todas as suas boccas o formidavel grito de:—*Viva a Hespanha!*, conseguiram pôr de pé, erectos pelo medo, os tres cabellos brancos que ainda ornam a luzidia calva bismarckiana, como tres sentinellas perdidas, restos de um exercito capillar já derrotado e extincto.

Chegada a Madrid a noticia do inqualificavel attentado das Carolinas, sabido pelo telegrapho que a bandeira allemã tremulava sobre o archipelago do Oceano Pacifico, o povo hespanhol convulsionou-se, preza de uma indignação que explosio coleras medonhas. Levantadas em massa, as multidões sentiram em si os movimentos sublimes do enthusiasmo; tribunos eloquentes traduziram na sua palavra magica, em face da Europa boquiaberta, o desespero da Hespanha offendida; ondas populares, altaneiras e formidaveis, alastraram-se pelos vastos passeios de Madrid, pondo na sua passagem a nota grandiosa d'um patriotismo vivo e profundo, avivando no espirito do paiz inteiro as recordações de Pavía, Otumba e Lepanto, fazendo resoar, d'envolta com os seus protestos dignos, os nomes immortaes de Daoiz e Velarde, bradando vingança contra a aggressão arteira do chanceller de ferro, intimando os governantes a que lhes restituissem a honra perdida, aquella honra nacional por que tinham pelejado heroicamente em cem batalhas.

Ao grito d'alarma soltado pela imprensa, por essa imprensa respeitavel e séria, que não serve apenas, como a nossa, para levar até lá fóra o descredito do nome portuguez, para favorecer dentro do paiz as especulações do ultimo aventureiro recem-vindo, ou para applaudir, medrosa e servilmente, o desmembramento da patria, todos os hespanhoes se estreitaram n'um amplexo formidavel, jurando conquistar pelas armas aquillo que a palavra ardente e a attitude energica d'um povo brioso não podessem conseguir dos piratas germanicos.

Eram fracos? Que importava isso? Não ha povos fracos quando tenham por si a consciencia dos seus direitos, e as tradições gloriosas d'um passado gigante.

Houve tempo em que a altiva Gran-Bretanha avassalava o mundo com o seu poderio. O general Narvaez era, então, presidente do conselho de ministros em Hespanha, e Bullwer-Lython embaixador da rainha Victoria na côrte madrilena.

A orgulhosa e soberana Inglaterra tomára uma intervenção demasiado activa em assumptos de politica hespanhola. Ninguem, no reino visinho, fallava dos ministros e dos ministerios hespanhoes. Apenas se ouvia em todos os labios, pronunciado com terror e com mysterio, o nome do ministro inglez. Bullwer de manhã, Bullwer á noite, Bullwer a todas as horas e a todos os instantes.

Conscio do terror que inspirava aos hespanhoes, o embaixador britannico foi ultrapassando, pouco a pouco, a linha das conveniencias diplomaticas, e intervindo, mais do que devia, nos negocios internos do paiz. O enviado londrino chegou a ser a impertinencia em pessoa. Ninguem podia supportal-o.

No entanto, todos tinham receio d'enviar qualquer reclamação energica a um governo tão poderoso como o da Inglaterra. E o colosso, envaidecido pelo contraste com a modestia dos hespanhoes, mostrava-se irritante, despotico, intratavel.

Estavam as coisas n'este pé, eis que se espalha pela Hespanha um boato inaudito, espantoso. Narvaez havia cortado o nó gordio d'um só golpe.

Farto d'aturar o embaixador britannico, que levára a sua impertinencia malcreada até ao gabinete da presidencia do conselho, o ministro hespanhol agarrou Bullwer por um braço, fel-o rodar nos calcanhares, e vibrou-lhe um forte pontapé no sitio do corpo onde as costas mudam de nome.

E o mundo não veiu abaixo. E a Hespanha continuou sendo a Hespanha, e o embaixador de *Jhon Bull* ficou-se com o pontapé de Narvaez, levando por muito tempo a mão á parte offendida, segundo reza a fama.

Ao que parece, os hespanhoes estão hoje decididos a fazer a Bismarck o mesmo que Narvaez, n'um rasgo de patriotismo selvagem, fez ao fleugmatico representante da rainha Victoria. Não querem discutir com o Grande Capitão do seculo, nem lhes importa saber se elle é mais forte, se é o sustentaculo do principio monarchico da Europa. Não appellam para negociações demoradas, nem para arbitragens que importariam a negação dos seus direitos seculares, nem para um «dize tu, direi eu» das potencias chamadas á autoria. Querem para ali já as Carolinas, que são muito suas e que Bismarck lhes empalmou para arredondar as conquistas coloniaes do imperio, para saciar a sede devoradora de extensão e de expansão que o domina no ultimo quartel da vida.

Se as Carolinas não forem religiosamente restituidas á Hespanha, com os seus recifes de coral, com os seus coqueiros, com os seus bellos typos de raça malaia, de olhos negros e brilhantes, Bismarck, o astuto chanceller allemão, arrisca-se a apanhar, sobre certo ponto do corpo, até hoje invulneravel, o pontapé valente d'um povo offendido e indignado.

E o mundo não virá abaixo. E a Hespanha continuará a ser a mesma Hespanha, e o venerando conselheiro do imperador Guilherme tornar-se-ha—quem sabe—d'ali em diante, um bombo n'uma festa, passando a levar gebada da França, da Austria, da Russia, da Europa inteira.

O começar é que custa.

Talvez que nós até, pequenos e miseros, nos affoitassemos a dar uma cacholeta desrespeitosa na calva luzidia do grande chanceller, como desaggravo pelos atropellos do Congo... talvez...

CASIMIRO DANTAS.

LADY PHEDRA

Foi rija, féra, cheia a biscainha,
agora transmudada em Lady Phedra.
Entalava entre as pernas a vasquinha,
varria os ternos da aldeola á pedra.

Depois, nos hombros nús, ao sol dispersos
Os cabellos, lasciva pequenota,
garganteou canções de torpes versos,
quebrando o talhe em sensual chacota.

Mais tarde, brenhas, ingremes barrancos
galgou a rir, gaiata vivandeira.
Vendida emfim a rotos saltimbancos,
fez de giganta em barracões de feira.

Temperava amavios, amuletos,
philtros para a espinhela e contra a bicha;
ora, entre as sombras de espectraes abetos,
deitava cartas, lia a buena-dicha.

Um dia, emquanto os socios na artimanha
invocavam, co'a turba, o nume ignoto,
tomada de não sei que furia estranha,
fugiu-se em braços d'um gentil devoto.

Morre-lhe o amante de certeira bala
ás mãos d'um marechal; ao saber parte,
ri tanto, tanto que sem voz resvala
aos igneos braços do amoroso Marte ..

....

agora a diva de Hyde-Park é ella!
O sol do *high-life* e o seu penteado loiro!
Custa a Sir John, por anno, a bagatella
de uns vinte mil e tantos pesos de oiro.

Tem doze parques nos mais doces valles;
rendas e joias de endoidar duquezas.
Por um só beijo o principe de Galles
déra a India, Chypre e quinze mil inglezas...

Tem confessor—o bispo de Cambraia;
medos, espasmos, phrenesis, chlorose.
Se um grito escuta tremula desmaia
na languidez da mais cuidada *pose*...

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

AS NAMORADAS DO VISCONDE

Os criados do Hotel Braganza andavam já intrigados e massados com tantas cartas. Todo o santo dia era o correio á porta com cartas para o sr. Visconde.

O conselheiro, homem grave, sisudo, respeitavel, casado com uma mulher encantadora, era primo do visconde e como elle estava aqui de passagem, um mez se tanto, nos dias em que o visconde não jantava em sua casa, vinha acompanhal-o a jantar no hotel.

Ao jantar, ao almoço, a toda a hora, o conselheiro fazia-lhe as honras da terra com uma amabilidade implacavel.

Mas o que o desapontava muito, o que o desgostava immenso, era que, de vez em quando, o visconde fugia-lhe das mãos como uma enguia. Tinha que fazer, dizia que precisava estar a tantas horas n'um sitio.

E elle ahi ia, deixando o conselheiro todo desconsolado e pezaroso.

—Que demonio teria o visconde que fazer em tantos sitios? Demais a mais já não era creança. Tinha passado os cincoenta, era feio, pintado, retinto: não podia ser entrevistas d'amor, aquillo? Que demonio seria então?

Outra coisa que o intrigava tambem era a immensidade de cartas que elle recebia a toda a hora.

Ao jantar, com cada entrada, era servida uma carta, com a regularidade de *menu* bem cumprido.

Que demonio seria aquillo? Um dia tirou-se dos seus cuidados e perguntou-lhe:

—O' visconde! diga-me cá: que diabo de correspondencia tão activa tem você?

—Olhe, cheire! disse-lhe negligentemente o visconde, chegando-lhe ao nariz a carta que recebera.

O conselheiro fungou - era um perfume inebriante a feno.

Comprehendeu e sorriu.

—Maganão!

D'ali a nada, *linguado au gratin!*—outra carta.

O conselheiro olhou para o visconde; o visconde deu-lh'a a cheirar.

Mais feno.

Dindonneau truffé—carta.

O conselheiro não esperou que o visconde lh'a desse. Avançou logo o nariz. Sempre feno.

O conselheiro estava atordoado e espantado. E fossem lá fiar-se nas apparencias! Quem havia de dizer que aquelle visconde, que parecia um boneco mal feito de loja d'algibebe, era um conquistador d'aquella força e d'aquelles cheiros! E elle que o mettera na sua intimidade, que o apresentára a sua mulher, que accolhera aquella vibora no seu seio de conselheiro e de marido!

E o resto do jantar comeu-o preoccupado:

No dia immediato, ao almoço, estava no quarto do visconde, quando chegou outra carta. O visconde abriu-a, leu-a e deixou-a aberta em cima da commoda. Mal elle voltou costas, o conselheiro foi-se a ella cheio de curiosidade:

«Querido da minha alma.

A's 4 horas no Campo Grande.
Não faltes, anjo idolatrado. Sabes como eu te adoro.

Tua
G.

—Onde demonio vi eu já esta letra? disse comsigo o conselheiro. E cheirou-a. Era feno por uma pá velha.

A's tres horas o visconde disse-lhe:

—Meu amigo, agora ha de me permittir, tenho umas voltas a dar...

—Entrevista, hein?

—Não ha remedio... ellas não me deixam.

—Aposto que é a do feno?

—Como adivinhou...

Quando o conselheiro entrou em casa, sua mulher apeava-se do seu *landau*.

—D'onde vens, filhinha? perguntou elle muito amavel.

—Do Campo Grande.

—Ah! do Campo Grande?...

—Fui lá dar um passeio. Está bonita a Avenida Estephania!

—Está, está muito bonita, resmungou elle cheirando-lhe de repente a feno.

Quando o jantar ia para a mesa appareceu o visconde.

—Então, ja sei que esteve no Campo Grande, disse-lhe o conselheiro.

—Esteve? perguntou a conselheira.

—Não, minha prima, não vou lá ha que annos. Hoje estive em Belem.

O conselheiro fez-se pallido.

—Mente como um criminoso, disse elle com os seus botões.

No dia immediato o conselheiro metteu-se logo pela manhã no quarto do visconde. Veiu a carta fatal. Era feno. Na primeira occasião que teve, leu-a.

«Anjo adorado

A's 4 horas no Campo Grande, não faltes.
Tua para sempre
S.»

—A inicial é outra, mas o cheiro e a letra são os mesmos. Onde demonio vi eu já esta letra?

E metteu a carta na algibeira.

A's tres horas o visconde despediu-se, ficando de ir jantar com o conselheiro.

A's 5 horas e meia o conselheiro viu apeiar-se do seu *landau* sua mulher e o visconde. Era de mais.

Durante o jantar conteve-se para não dar escandalo. Sua mulher disse naturalmente que tinha encontrado o visconde no Chiado.

—Bem te percebo, pensou o conselheiro, fulo.

E teve força em si e continuou a conter-se.

A' meia noite, quando depois de ter deixado o visconde no Hotel chegou a casa, o conselheiro encontrou sua mulher a escrever a uma das suas mais intimas amigas, á Clarinha, sentada á sua pequena secretária d'ebano.

- O que estás a fazer? perguntou elle curiosamente.

—A escrever.

Elle debruçou-se avido, sobre a secretária, e olhou para a lettra de sua mulher. Não era.

—Estou a escrever á Clarinha.

—Tens ahi cartas d'ella? perguntou o conselheiro illuminado por um raio de luz.—A Clarinha é a sua intima, é quem lhe escreve as cartas para ella se não comprometter, pensou o conselheiro com uma lucidez d'espirito a que não estava nada habituado.

—Cartas da Clarinha? Tenho.

—Deixa-as ver.
—Para que?
—Exijo! declamou elle mel odramatico.
E emendando logo:
—Tenho vontade de lhe ver a calligraphia.
—Estão aqui, disse ella espantada, e começou a procurar n'um masso de cartas.
O conselheiro olhava attentamente para essas cartas. De repente solta um grito e lança-se furioso sobre um sobr escripto, gritando!
—Cá está ella! Ah! eu bem o suspeitava!
—Mas o que tens tu? perguntou assustada sua mulher.
—O que tenho? Tenho que esta letra é a mesma letra d'esta carta, infame; disse elle tirando da algibeira a carta do visconde e comparando-as: é mesmo assim. Ande, cheire, cheire, miseravel!
—Mas o que quer dizer isto?
—Quer dizer que esta carta é da Clarinha, da Clarinha que é sua cumplice.
—Não percebo nada do que estás para ahi a dizer, tornou sua mulher, um pouco zangada.
—De quem é esta carta? E' da Clarinha, não é?
—Essa carta é do nosso primo, é do visconde.
—Do visconde? exclamou o conselheiro sem perceber nada.
—Foi a carta de parabens que me mandou no dia dos meus annos.
—Do visconde? E então esta?...
E mostrou a outra carta, a da entrevista do Campo Grande...
—E' do visconde tambem...
—Do visconde? repetiu pela terceira vez o conselheiro admirado. A letra e o cheiro... do visconde!
Sua mulher desatou a rir. De repente comprehendera tudo —o visconde escrevia cartas a si mesmo para se dar ares de conquistador... para o carteiro do districto.
O conselheiro riu muito... e nunca mais lhe cheirou a feno...

GERVASIO LOBATO.

UM IDYLLIO A' INGLEZA

«ALL IS TRUE»

«*Meu bom Carlos.*

«Ha quinze dias que cheguei, prometti escrever-te, logo que acabasse de ser abraçado pela familia, a começar na mamã e a acabar no *Danubio*, o bull-dog que tu conheces melhor do que eu, desde a famosa dentada de que a tua perna guarda ainda uma lembrança indelevel;—e só agora te escrevo!

«Meu querido, o homem põe, e Deus, ou o Diabo, dispõe.

«Se tu soubesses o novo aspecto que tomou, aos meus olhos, esta quinta quasi tão velha como o mundo, esta aldeia pouco maior do que a nossa aula, estas montanhas côr de greda e estes tanques de um verde sujo, povoados de rãs e de sanguesugas!...

«O teu assombro não conhecerá limites, quando eu te confessar que cheguei á perfeição de olhar, sem repugnancia, para o lobinho do boticario e para a careca do padre prior, que me divirto na companhia das Pedrozas, aquellas tres contemporaneas do diluvio que usam anneis no *fura bolos*, e que aos domingos jogo a manilha com o tabellião, o administrador e a avósinha, a qual adormece de vez em quando, deixando-me em *tête-à-tête* com a asthma do tabellião e o catharro chronico do administrador.

«Meu amigo, a Providencia tem designios occultos: quando eu amaldiçoava as ferias, a quinta de Santo Antonio, a aldeia a que ellas me condemnavam, mal pensava encontrar um anjo cujo olhar azul transformou o inferno no paraizo.

«Não te rias, e ouve-me.

«A Lilla veiu esperar-me ao pinhal: logo que comecei a descer a azinhaga dos choupos e a avistei de longe, notei que a acompanhava uma senhora muito elegante, de chapeo de palha, veo azul, cabellos louros, e andar leve como o pizar de uma andorinha. A Lilla correu direita a mim, e sem me deixar apear, deitou-me os braços ao pescoço. A senhora do veo azul ficou parada no meio da azinhaga, e com uma voz que resoou ao meu ouvido com a pureza de um timbre, chamou minha irmã, e em inglez, a rir, deixando ver dois fios de dentes brancos como pequenos aljofares, chamou-lhe imprudente.

«A Lilla fez logo uma festa enorme ao meu bigode, de cuja existencia tu ousavas duvidar, impio! Apeei-me e partimos pelo meio do pinhal, todos tres de braço dado, bacharelando e rindo. A Lilla parou de repente, e revestindo-se de um sério comico, pegou na mão da senhora do veo azul, e voltando-se para mim:

—«Miss Mary, a minha preceptora.

«Que linda tarde, *mon bon*, que delicioso cheiro exhalava o campo, que céo azul, ou antes, que encantadora miss!...

«A mamã, o papá, a avó e as Pedrozas, esperavam-nos no terraço. Um grito saudou a nossa apparição; o cavallo, que eu trazia á arreata, arrebitou a orelha: a mamã cahiu nos braços do papá, as Pedrozas abraçaram o prior, a avó abraçou o satyro de pedra, o caseiro pegou-me ao collo, a Lilla dançava, o Danubio ladrava, e no meio d'esta desordem só mis Mary mantinha a sua inalteravel tranquillidade, a suavidade dos seus gestos e do seu andar que parecem uma musica, a doçura ideal da sua cabeça que se assimelha á cabeça de uma virgem de Raphael.

«A' noite veio toda a velha guarda: o tabellião, o administrador e o Henrique Leal, o filho do morgado da Feitosa, um pedante que falla á gente do alto de um collarinho apertado e duro como a colleira de um cão, deixando cahir as palavras em tom de oraculo. A Lilla embirra com elle, evita-o, e quando o pretencioso lhe dirige a palavra, córa, baixa os olhos, não responde, e volta-lhe as costas. A Lilla está uma senhora; se não fosse minha irmã e se não existisse miss Mary, é natural que me apaixonasse por ella.

«Dá-me noticias tuas e poupa-me á troça dos amigos».

«Teu

Raul.»

*

«*Meu querido Carlos.*

«Amo, sou amado!

«Miss Mary disse-me hontem que me achava muito espirito. A Lilla é doida por ella, e eu adoro-a! O que me faz ferro são as caturreiras da avósinha. Por mais que eu puche pelo bigode, ella julga que sou ainda o mesmo *Ru-ru*, que lhe pedia pechinchas. A's vezes, no meio de uma poesia, quando eu, suspenso dos olhos azues de miss Mary, recito Guerra Junqueiro, João de Deus ou Victor Hugo, a avósinha levanta-se da cadeira, e dobrada ao meio, muito tremula, os olhos cheios de lagrimas, vem metter-me uma trouxa de ovos na bôca! E chama-me *menino*, sabes? O papá interroga-me frequentemente ácerca dos nossos professores na escola medica; pergunta-me pelo Sousa Martins, pelo Thomaz de Carvalho... Eu descrevo-lhe as lições do Thomaz de Carvalho, o geito caracteristico que elle tem de limpar os oculos para nos vibrar depois, atravez do crystal da lente, um olhar agudo e fino como uma lanceta; conto-lhe os deliciosos ápartes do Sousa Martins, que rebentam no arido campo da sciencia pathologica como um fresco e capitoso ramilhete de rosas...

«A attenção que miss Mary me dispensa põe-me azas na bôca, transmitte ás minhas palavras a arrebatadora eloquencia de Cicero.

«O papá ri e esfrega as mãos: a mamã esconde a commoção em cima da costura; a avósinha triplica o fornecimento das trouxas de ovos; as Pedrozas deliram e fazem gestos com as mãos carregadas de anneis; o administrador afoga-se no pigarro, a asthma do tabellião assobia como uma locomotiva, e o Danubio deita-se de barriga para o ar.

«Ando a estudar um preludio de Bach para agradar á minha loira miss, que é doida pela musica classica. Ella toca piano deliciosamente. Os dentes amarellos d'esse fanhoso Pachiderme, que se chama piano, transformam-se ao contacto dos seus esguios dedos, e do teclado, que estremece, vive, ri e chora, levanta-se um plumoso bando de rouxines que voam na sala, enchendo-a de gorgeios e arrebatando-nos a alma!...

«Ainda não me atrevi a dizer-lhe qne a amo...

«Intimida-me o seu ar sério, a sua gravidade inalteravel, a pureza mystica do seu olhar, no fundo do qual se lhe vê a alma branca como um lyrio.

«Mas os meus olhos contam-lhe o que os labios não ousam confiar-lhe.

«Evidentemente, ella corresponde-me. Passeamos juntos e ás vezes sós. Eu trepo aos vallados para ir apanhar as flores de que ella gosta. Mary espalma as flores no album, e manda-as para Inglaterra.

«Entristece-me ás vezes, um pouco, a sua frieza .. mas convenço-me que é assim que se namora em inglez.

«Miss Mary é natural de Bristol, a patria de Chatterton, exactamente onde ha mais frio.

«Eu fallo-lhe muito da Inglaterra, como se lá tivesse ido. Ella recita-me Shakspeare e Tennyson. E' um temperamento exquisito, o d'estas mulheres do norte, amassadas com leite e neve.

«Ha dias, fomos lunchar ao pinhal: eu sonhára um *tête à tête* á sombra dos pinheiros; a Lilla não me incommoda nada, porque anda quasi sempre a correr atraz das borboletas e do Danubio. Mas o Henrique Leal convidou-se, e não houve remedio senão atural-o. Aproveitando o momento em que a Lilla e o Henrique foram apanhar pinhas, abri um livro de João de Deus, e li-lhe o *Cantico dos canticos*.

«Sulamite era ella e a minha voz dizia-lh'o, impregnando os versos de inflexões apaixonadas, cantando-os em modulações dôces como o murmurio dos beijos... De repente, larguei o livro, devorado da curiosidade de saber a impressão que lhe produzira,

Miss Mary deixára cahir a cabeça no peito, a sua bonita cabeça loira, que o sol, coado pelas agulhas dos pinheiros, doirava, envolvendo-a em uma especie de aureola: toquei-lhe no hombro, ella não se mecheu; inquieto, chamei-a, e só então percebi que a minha formosa ingleza adormecera.

«Não te rias, Carlos, e fica sabendo, para teu governo, que o amor das subditas da rainha Victoria é frio como uma carapinhada, e que a commoção produz-lhes o effeito do opio. Mas no intimo dos seus corações, como em certas montanhas da Italia coroadas de neve, referve a impetuosa lava da paixão, crê!

«Calcula tu qual deverá ser o delirante jubilo do mortal que conseguir arrancar a scentelha a estes maravilhosos poemas de

A COSINHEIRA

carne e osso, que parecem modelados em alabastro e coloridos pelas tintas da aurora!...

«Aqui tens o meu sonho, de que espero acordar um dia metamorphoseado... em Pigmaleão.

«O teu

Raul.»

*

«*Meu bom amigo.*

«Hontem... metti uma lança em Africa! Peguei com as duas mãos na minha coragem e escrevi-lhe! Não sei bem o que lhe disse... O sangue latejava-me nas fontes e o coração pulava-me no peito... Gastei um caderno de papel, e escrevi apenas uma folha.

«Indignava-me contra a pobreza da palavra humana, um misero instrumento incapaz de reproduzir este sentimento que me devora, grande como o infinito, profundo como o oceano. Uma carta parecia-me pouco: quereria dedicar-lhe um poema e ir cantal-o á noute debaixo da sua janella, á sombra das laranjeiras em flôr, á luz diaphana das estrellas, coado em murmuras cadencias pelas cordas frementes de um arrabil... Ella viria então, como as bellas castellãs medievaes, encostar-se pensativa

no varandim, coberto pelo veu transparente do luar, enviando de longe, nas pontas dos dedos, um beijo casto como um sonho ao pagem que morria de amor, ajoelhado na sombra... Em vez da serenata, tal qual o meu coração a phantasiava, disse-lhe em prosa e sem musica que a amava, metti na carta uma folha de hera, onde escrevi, com o bico de um alfinete: *«je meurs ou je m'attache»*, e para não entregar o meu nome ás eventualidades a que tinha de sujeitar a expedição, assignei: *«Constante Leal.»*

«E' engenhoso, não te parece?

«A caixa do correio foi a pasta de desenho da Lilla, que miss Mary folheia todas as manhãs antes da lição.

«Ainda não te disse que a mamã e o papá desconfiam e que levam muito em gosto.

«Não me tocaram em nada, mas tenho surprehendido olhares de intelligencia, meias palavras reveladoras, sorrisos trocados a furto... Até a avósinha duplicou a dóse das trouxas de ovos!

«O futuro illumina-se aos meus olhos...

«Que felicidade, meu Carlos, que felicidade!... Formar-me, chamarem-me o sr. dr. Raul Trigueiros, arrancar á morte a humanidade enferma, e arrancar á pobreza, á condição mercenaria de mestra de meninas, esta encantadora rapariga, digna de assentar-se em um throno, cujas pequeninas mãos macias e brancas eu quereria constellar de brilhantes

«Até breve,

«O teu

Raul.»

*

«Meu Carlos».

«Uma grande novidade!

«Esta manhã, ao almoço, fallou-se mysteriosamente de *alguem* que deve chegar hoje de Bristol. Miss Mary córou muito e tentou occultar a sua perturbação mettendo o nariz na chavena. Comprehendes, meu amigo? O papá é um santo, e a mamã é ainda melhor do que a Virgem Maria. A minha paixão semsibilisou-os, e como estimam muito a preceptora de minha irmã, casam-nos, mesmo sem esperarem que eu seja o sr. dr. Raul Trigueiros.

«A pessoa que se espera de Bristol é o pae do meu idolo, um veneravel ex-negociante de panno cru e cerveja, que vem de proposito para abençoar-nos e assistir á ceremonia. Tudo isto é claro como a luz do dia.

«Mary é protestante, eu sou catholico; mas a differença das religiões, que não obstou a que nos amassemos, tambem não ha de impedir que sejamos um do outro. Ella não respondeu ás minhas cartas, á primeira, que sabes, e a mais duas ou tres que metti na pasta.

«Hontem á noite, depois de lhe ouvir a sonata de Beethoven, e de ter admirado mais uma vez a pureza ideal do seu perfil britannico, que poderia servir de modelo a Ary Scheffer, o pintor das celestes e loiras formosuras, assentei-me ao lado de Mary, curvei-me e disse-lhe ao ouvido: *«Je meurs ou je m'attache»*, o symbolo da hera, que eu tinha mettido na carta.

«Mary abriu os olhos, os seus grandes olhos limpidos, fitou-me por um segundo e sem me dizer nada foi reunir-se ao grupo das Pedrozas e do Henrique Leal, em torno do qual a Lilla saltitava, rindo como uma louquinha da careca do prior e dos cachuchos das Pedrozas.

«Não te admires, repito-te que em inglez é assim que se namora.

«Mas ainda não te disse tudo... Duas ou tres horas depois do almoço, passei pelo escriptorio do papá e pareceu-me ouvir chorar. De repente, a voz de Mary fez com que o coração me saltasse no peito...

—«E' uma grande affeição... dizia Mary, soluçando,... e eu seria ingrata se não lhe correspondesse...

—«A pobre Lilla vae ficar admirada, respondeu minha mãe; o Raul... o resto das palavras perdeu-se atravez da porta, fechada por dentro.

—«Excellente rapaz, accudiu Mary; em Bristol....

«Encostei o ouvido á fechadura e retive a respiração, mas não consegui apanhar o final da phrase. Percebi pelo ruido das cadeiras que se tinham approximado uma da outra, e um subtil murmurio, coado pela fechadura, revelou-me que fallavam em segredo.

«Mas que necessidade tinha eu de ouvir, se o meu coração comprehendera logo ás primeiras palavras?...

«Tratava-se do nosso futuro, da nossa projectada união, e a minha noiva tremia e chorava, patenteando, pela vez primeira, o amor que desabrochara na sua alma como uma flôr rara, occulta até então pelos sagrados veus do pudor virginal...

«Meu amigo, enlouqueço! A vida é decididamente um paraizo, sempre que houver na terra uma mulher como Mary, e um homem digno de amal-a e ser por ella amado como o teu

Raul.»

*

«Meu querido Carlos»

«A minha carta chegará ás tuas mãos, exactamente á hora em que estiveste para receber um papel tarjado de preto, dando-te parte do meu fallecimento. O suicidio, esse burlesco incidente que passou ha muito para o dominio dos caixeiros sentimentaes e das costureiras romanticas, levou-me, não precisamente á beira do tumulo, mas á borda da cisterna, d'onde meu pae me levantou pelos cabellos.

«Meu amigo, tu que tencionas fazer clinica nas cinco partes do mundo e viajar de seringa hypodermica na dextra e de bisturi na sinistra, escuta a lição da amarga experiencia:—«Não te fies nas apparencias e não creias que as inglezas possam amar n'este mundo, ou no outro,... senão os inglezes! O *alguem*, que se esperava de Bristol, era o noivo, um idiota vermelho como uma lagosta, gordo como um elephante, de cabellos encarnados e monossylabos gutturaes. Era d'elle que a miseravel, amassada com leite e neve, fallava a minha mãe, e em quanto se carteavam, a perfida, nos intervallos, ia flirtando comigo e acceitando-me cartas d'amor! A Lilla chorou muito, quando ella hontem partiu para Bristol, onde vae casar com o elephante.

«Hontem quiz morrer: hoje, que já dormi sobre o caso, resolvi apparecer-te em Lisboa para irmos jantar em *tête-à-tête* ao Central, e afogarmos em um abysmo de Porto e Champagne este pseudo idyllio, que acabou na prosa reles, em que se desfolham quasi todos os idyllios. Até logo.

«O teu

«Raul»

*

EPILOGO

Scena 1.ª e ultima

RAUL, LILLA E HENRIQUE

O doutor Raul Trigueiros, um pouco calvo, lê, recostado em um fauteuil a PATHOLOGIE INTERNE *de Niémeyer, e fuma um charuto Lilla adormece nos joelhos um baby loiro, que lhe chama mamã. Henrique Leal lê o Diario Illustrado, e de vez em quando levanta-se para ir beijar os cabellos do baby, encaracolados e luminosos como fios de oiro.*

LILLA:—*Para o marido.* É verdade, nunca me disseste... As primeiras cartas que me escreveste?...

HENRIQUE:—*Largando o jornal.* Que cartas?

LILLA:—As da pasta.

HENRIQUE:—*Distraido e não percebendo de que se trata.* Qual pasta?

LILLA:—Faze-te de novas! As cartas com letra disfarçada, assignadas pelo sr. Constante Leal...

HENRIQUE:—*Dando uma gargalhada e tomando-lhe o pulso* Oh! filha! tu estarás doente?...

LILLA:—*Formalizando-se.* E a folha de hera? *Je meurs ou je m'attache*? Já o sr. se envergonha de ter escripto a sua mulher?!...

HENRIQUE:—Não envergonho, não, mas juro pelos deuses do Olympo, comprehendendo Venus e Cupido, que nunca te mandei nenhuma folha de hera...

RAUL:—*Deixa cair a Pathologie interne, e no fumo do charuto, que desenha no ar uma espiral azul, vê-se saltitar um blue devil, que ri ás gargalhadas, assobiando o «god save the queen»*

GUIOMAR TORREZÃO.

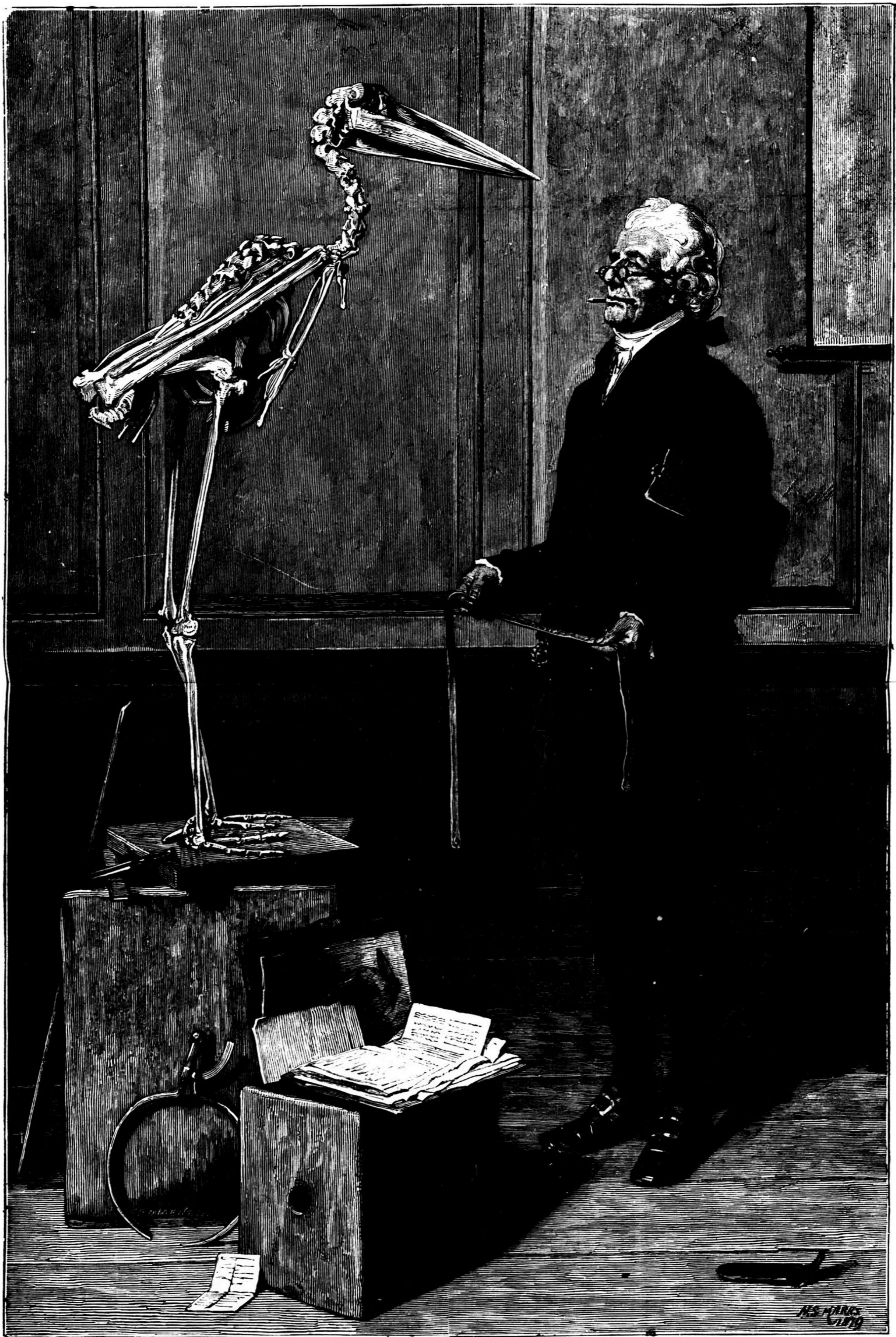
QUANDO EU MORRER

Não quero! Tenho horror que a sepultura
Mude em vermes meu corpo enregelado;
Se no fogo viveu minh'alma pura,
Quero morto meu corpo calcinado.

Depois de ser em cinzas transformado,
Lancem-me ao vento, ao seio da natura,
Quero viver no espaço illimitado,
No mar, na terra, na celeste altura.

E talvez no teu seio, oh! virgem linda,
Tão branco como o seio da virtude,
Eu, feito cinzas, me introduza ainda;

E no teu coração pequeno e forte
(Oh goso triste!) viva lá na morte,
Já que na vida lá viver não pude.

COSTA ALEGRE.

A SCIENCIA ESTÁ NA BOA MEDIDA

O PANTHEON DA CASA GARRETT (a)

Os nossos leitores das provincias, que não conhecem Lisboa, ao ouvirem fallar da CASA GARRETT, ficarão com fundamento suspeitando que de um lyceu se trata, ou pelo menos de um club litterario. Enganam-se.

A CASA GARRETT é simplesmente uma pastellaria, ou com melhor nome haja, na confusa technologia moderna, em que ninguem sabe ao certo ás quantas anda.

Um italiano, Rembado se chamava elle, foi quem se lembrou de honrar a memoria do cantor de *D. Branca*, dando o seu nome a uma pequena casa de comes e bebes, aceiadamente posta, e fartamente provida de licores e goloseimas.

Quasi em frente da CASA GARRETT, um outro industrial abrio um pequeno estabelecimento de livros francezes, quasi todos agaiatados, que intitulou *Livraria Herculano*. Temos nós pois, o grave historiador presidindo a uma bacchanal litteraria, e o patriotico auctor do *Frei Luiz de Sousa*, vendo desfilar diariamente por deante de si, centenas de *sandwichs* de fiambre e de salâme, e auctorisando com o seu silencio as emborcações mais ou menos copiosas de dusias e dusias de copinhos da cognac! A estas honrarias posthumas, gallicismos de cosinha na CASA GARRETT, e pantanos de realismo na *Livraria Herculano*, logrou escapar Castilho, o grande mestre da lingua portugueza.

Ao auctor do *Methodo Repentino* desterraram-no da rua elegante, mas em compensação deram o seu nome a uma escola, ganhando na troca em não ouvir, como no Chiado, fallar na *montra, nas confecções, e na côr granada*, (b) nem ver o caixeiro da loja de modas, para estimular a venda, pôr na cabeça um chapeo de senhora, de *tule* côr de rosa!

Tudo são destinos, cá n'este mundo! Mas voltemos á CASA GARRETT. Entrei lá um d'estes dias, e sentei-me á unica meza que encontrei disponivel. As tres restantes, estavam assim occupadas. A uma d'ellas, um grupo buliçoso de rapazes, fallava de cavallos e de touros, em linguagem pittoresca e erudita.

No dizer de um d'elles, os bois corridos de vespera tinham sido todos de *muito pé*, de *sentido* o *Caraça*, que o cavalleiro farpeára; *matuto* e de *crenças* o boi raiado, que ensarilhára um dos bandarilheiros.

Depois vieram as recordações historicas dos homens de forcado, que, ao grito avinhado de «*Aqui valente!*» e batendo as palmas, e sapateando, se atiravam por fim entre as armas do touro, que mugindo, e arrastando-os pela arena, ora os saccudia de si, ora se via de novo subjugado pelos adversarios, que, cobertos de poeira e de sangue, só o largavam para virem pelas trincheiras, entre applausos phreneticos das multidões, estender os gôrros esfarrapados á caridade do publico!

Seguiram-se as anedoctas. Os casos notaveis de touradas excepcionaes, e por ultimo as mortes, alegremente narradas, dos martyres gloriosos da arte tauromachica, a começar pela do filho do Marquez de Marialva, tão eloquentemente descripta na *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, de Rebello da Silva.

Ainda agora estariamos embevecidos a ouvir os episodios accidentados da vida dos mais celebres toureiros contemporaneos, se dois homens, sentados a uma outra meza, proxima da minha, me não houvessem despertado a attenção. De casacos já rapados, mas com abotoaduras de brilhantes nos peitilhos das camisas, o que desmentia a pobreza que se lhes poderia attribuir, os dois sujeitos combinavam algarismos, sommavam, multiplicavam, mas nunca diminuiam, pelo menos que eu visse. Eram dois usurarios que recolhiam da faina diaria; dois abutres que traziam ainda nas garras aduncas, representadas em libras, as lagrimas de muitas familias, o futuro de muitos inexperientes!

E depois, que linguagem a d'elles! Que calão de magarefes, disfarçado com uns seraphicos meneios de sachristia! E ambos elles bebiam tranquillamente os seus copinhos de absyntho para abrir o apetite, tão exclusivamente da materia curavam, os desalmados!

Arredei os olhos com asco dos dois vampiros, para os fixar n'um solitario que estava sentado em uma outra mesa fronteira á minha. Que contraste entre elle, e os outros meus dois visinhos! Que bom homem, que innocente, que credulo! Lia um jornal politico, e de vez em quando abanava a cabeça em signal de assentimento. Acreditava no que lia, o sinceralhão! As lantejoulas affiguravam-se-lhe oiro de lei. A rethorica do jornalista merecia-lhe a confiança de uma maxima de Salomão! Tive dó do desgraçado. Julguei-o capaz de sair d'alli para ir assignar o tal papel, e estive quasi a suspendel-o á beira do abysmo; mas, disse commigo: «É mais uma alma que se perde, deixal-a ir seu caminho.» Era egoismo, bem sei, mas era tambem prudencia.

Foi só quando me dispunha a sair da CASA GARRETT, que reparei que ia tambem deixar o pantheon onde dera entrada sem o suspeitar. As paredes da pastellaria estavam ornadas com os bustos em barro, agora chama-se-lhe *terre cuite*, de Camões, Herculano, Garrett e Castilho! Eu, que conheci de perto os tres ultimos, e que com elles tratei amigavelmente, estranhei, não direi vêl-os em má companhia, mas sim em local tão pouco consoante aos habitos domesticos de cada um d'elles.

Se o estomago e o paladar teem nacionalidade, e eu creio que teem, e defendo a minha opinião citando os *macarroni* italianos, o *roast-beef* inglez, a *cerveja* allemã, e a *orelheira* portugueza, Alexandre Herculano não pode encontrar-se á vontade aonde o puzeram, a elle, que era um partidario intransigente da cosinha nacional, que confessava a quem o queria ouvir que nunca se atrevera a provar uma *mayonnaise*, e resoluto affirmava preferir um copo de vinho verde, ao mais selecto e affamado Champagne.

De Almeida Garrett sabe-se que era um debicador de pratos finos. Tão Atheniense no estylo, como no paladar, Garrett não admittia contrafacções aos seus livros, nem, por equidade, nos acepipes de que é tão prodiga a culinaria franceza.

De Castilho direi apenas, que era homem da sôpa, vacca e arroz, de popularissima nomeada, e um grande bebedor d'agua fresca. Tinha um estomago de ferro o cantor da «Primavera» Diz-se dos abutres que digerem ferro. Um nada menos se podia affirmar de Castilho. As horas da comida eram-lhe indifferentes. Quantas vezes, ao acabar o theatro de S. Carlos, se deixava ficar Castilho a cavaquear com os amigos, adoçando epigrammas com aquella voz dulcissima que era um dos encantos da sua animada conversação. Ás vezes, eram uma, e duas horas da madrugada, e ainda Castilho não tinha pressa de ir para casa, ceiar! «*Vou-me á minha caldeirada de lulas*,—dizia. Ou então: *Deixei á minha espera um bom prato de cabeça de porco com feijão*, e preciso fazer-lhe as honras da casa, que já vão sendo horas.

E elle ahi se partia, muitas vezes sosinho, até á rua do Sol, a Santa Isabel, lépido, como quem ia pelo caminho dando rasão ás exigencias do estomago. Ao outro dia, quando os amigos o encontravam: «Então Castilho, que tal estavam as lulas?

—«Optimas!» Bebi-lhe por cima dois copos d'agua fresca, e eu aqui estou prompto, para recomeçar.»

E sentava-se na sua cadeira de vogal do conselho dramatico, a ouvir com a maxima attenção as melodias de Bellini, ou as harmonias de Verdi, enrolando e desenrolando bocadinhos de papel, entre o dedo polegar e o index.

A proposito: Castilho não tinha ouvido musical! Dizia elle, que as operas que ouvia as sabia de côr, *lá por dentro*, mas eralhe impossivel reproduzir com a voz dois ou tres compassos siquer que fossem! Elle, o mais correcto, e o mais musical de todos os poetas portuguezes!

Mas, voltemos ao assumpto. O pantheon da CASA GARRETT completava-se, como já disse, com o busto do cantor dos «Lusiadas.»

Que busto aquelle, santo Deus! Até o unico olho que restava ao poeta, e que o Telmo Paes, do *Frei Luiz de Sousa*, affirmava que valia por dois, esse mesmo, o esculptor cavára tão fundo, que parecia estar ali, só para desmentir os enthusiasmos do velho servidor da nobre casa de Manuel de Sousa Coutinho.

Emquanto me não provarem o contrario, fico convencido, de que o Camões, o da CASA GARRETT, é um Camões apocripho, talvez aquelle que o Junot decretou para o Algarve, e que por se tratar por lá a figo e a alfarroba se reduziu ao triste estado em que o vemos agora.

Pobre Camões! Condemnaram-n'o a ser espreitado pelas Natercias que passam pela rua Garrett, e a ouvir, aos sabbados, os sons estridentes das trombetas de Jericó, a que o vulgo chama o bando dos toiros!

Pobres poetas! Pegaram em vocês quatro, que só honraram a patria, e nunca fizeram mal a ninguem, e puzeram-n'os a espiar os seus peccados, pendurados nas paredes da CASA GARRETT, expostos a serem confundidos com os cosinheiros de Rotheshild, ou com os afamados copeiros do principe de Galles.

E depois, de barro! De simples barro os bustos dos quatro immortaes! Feitos da mesma materia, fragil e quebradiça, de que, segundo dizem, é tambem feito o resto da humanidade! E mais ainda: da mesma materia de que se fabricam os pucaros, de que os pastores cobrem as arribanas, de que os Esquimós edificam as buracas em que se alojam!

Um conselho ao proprietario da CASA GARRETT. Abaixo com os bustos dos quatro poetas. Nas peanhas desertas, dos vultos que actualmente presidem ao devorar das sandwichs, e ao estoirar

(a) A CASA GARRETT mudou-se no fim do ultimo semestre para a rua dos Capellistas, onde trafegam os argentarios, ou os que se dizem sêl-o.

A Casa Garrett, com a mudança de rua, afrancezou-se, e chama-se agora PATISSERIE GARRETT. E' uma chrisma, como outra qualquer.

(b) No Diccionario de Frei Domingos Vieira, lê-se: GRANADA: s. f. *Termo de artilheria. Globo de ferro, vasado, que se enche de estôpa e polvora*, etc.

No Diccionario francez-portuguez de Fonseca, lê se: GRENADE: s. f. (grenáde) *romã* (fructo).

Os nossos logistas envergonhando-se de dizer côr de romã, por ser côr portugueza, inventaram a *côr de grenada*, que não fic ou sendo côr nenhuma conhecida; ou então vem a ser *côr de globo de ferro vasado, que se enche de estôpa*, valendo mais dizer simplesmente *côr de romã*. Elles lá se entendem.

das rôlhas do champagne, inaugure quanto antes... quatro Venus, e n'este caso não importa que sejam de barro.

E não pense o honrado proprietario da CASA GARRETT, que Venus foi uma só. Leia o diccionario da mythologia, e lá verá que foram umas poucas, todas ellas formosas, e todas de facil accesso, como convem n'uma casa pacata, para que não haja brigas entre os freguezes. Vamos, e verá que a filha de Saturno e da espuma do mar, merece mais ter templo entre gente moça e folgazã, do que os quatro poetas que os freguezes da CASA GARRETT apenas conhecem de nome.

Vamos; venham as quatro Venus, e ficam as pazes feitas.

L. A. PALMEIRIM.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO DE D. PEDRO V, NO PORTO

Os briosos artistas portuenses, querendo perpetuar a memoria do chorado monarcha D. Pedro V, elevaram-lhe, na praça da Batalha, do Porto, o bello monumento que a nossa gravura representa e que ali foi inaugurado, em 11 de junho de 1862, com todas as demonstrações e respeitos de ceremonia nacional.

Ergue-se em um elegante pedestal, ornado de quatro allegorias em baixo-relevo, a estatua pedestre do fallecido monarcha.

Sua magestade o sr. D. Pedro V está descoberto, e veste o uniforme de tenente-general. Descança sobre a perna direita, apoiando a mão esquerda sobre o punho da espada, que tem pousada: o braço direito cáe naturalmente ao lado, segurando, com a mão, o chapéu por uma das extremidades: a cabeça pende-lhe um pouco sobre o peito.

A estatua é de bronze, e tem de altura 3m, pesando aproximadamente 1.320 kilogrammas.

N'uma superficie octogonal de 6m,86 se eleva, sobre quatro degraus, o pedestal, tambem de fórma octogona, que tem de altura 3m,77.

Nas quatro faces principaes tem, em alto-relevo, allegorias de bello desenho e melhor esculptura.

Entre cada uma d'estas allegorias, encostadas ao pedestal, e sobre quatro almofadas collocadas nas faces intermedias, estão as armas de Portugal, Saxe-Coburgo, Porto e casa de Bragança: as primeiras na frente, e as outras nos lados oppostos.

A altura total do monumento, desde o solo até á parte superior da estatua, é de 40 metros. E' todo feito de marmore do paiz, e inferiormente resguardado por uma lindissima grade de ferro fundido.

Esta grade, egualmente de fórma octogona, tem nas faces correspondentes ás allegorias do pedestal, quatro medalhões com legendas que recordam as maiores verbas de receita com que foi auxiliada a obra do monumento.

Quatro candelabros para gaz, de elegante e especial feitio, estão collocados em volta do monumento. Cada um tem de altura 4m,43, tendo no centro das columnas as iniciaes *P. V.*

A COSINHEIRA

A cabeça d'esta cosinheira faz um perfeito contraste com a do escripturario macrobio que hoje damos. Quem sabe se foi aquella bocca sensual que despertou a attenção do velho?

E' uma camponeza em toda a plenitude da vida. O trabalho para ella não é uma condemnação: é uma alegria.

O artista não teve escrupulo em ir buscar á cosinha o seu modelo. A formosura não se encontra unicamente nas salas, não tem um unico typo. Para Watteau seria um crime sair do circulo dourado das damas da côrte, mas a arte não tem restricções; é como Molière: *prend son bien où le rencontre.*

A SCIENCIA ESTÁ NA BOA MEDIDA

E' um pobre classificador de historia natural, guarda de museu, que entende que na exactidão da medida é que está a sciencia toda. No catalogo é necessario que o passaro appareça bem medido: nem um centimetro de mais nem de menos. E o auctor do quadro percebeu admiravelmente com quem estava mettido. Não ha duvida que aquelle homem foi talhado para aquelle logar. Não podiam escolher melhor. E' o ideal do genero.

O ESCRIPTURARIO

Uma bella e expressiva cabeça, a d'este homem!

Olhem para essa physionomia sorridente, e digam-me se o pintor não soube traduzir, com uma grande realidade e com um verdadeiro sentimento, a bonhomia maliciosa, a amavel saudade do velho escripturario, que se lembra gostosamente dos tempos gloriosos das suas rapaziadas.

Elle parou de escrever e sorriu, não com os olhos pregados no céo, na doce comtemplação d'um ideal que se esvaece, mas com o olhar fito em alguma cousa que o enche de prazer, e lhe faz vibrar alguma das fibras meio adormecidas do coração.

Talvez passasse n'aquelle instante, cantarolando com uma voz cristallina e jovial, alguma rapariga, imagem das que elle conheceu em moço, e aquella imagem despertou todo o seu passado folgasão, passado que se lhe estampa, com toda a viveza, nas rugas animadas e eloquentes do rosto.

Da sua mocidade só lhe resta aquelle sorriso franco, e aquelle olhar, que procura esconder nos oculos uma expressão maliciosa e fina.

E no entanto, nas linhas tão caracterisadas do seu rosto, não ha um signal que nos revele a amargura d'um desejo insaciado, a avidez mephistophelica de Fausto, que só pretende a mocidade para ser devorado de novo pela séde dos gosos. Elle não. Está tranquillo na posse do seu passado. Quando alguem lhe desperta as travessuras da mocidade, como que as saboreia de novo. A satisfação antiga é a sua satisfação presente. Resigna-se com o adagio — quem andou não tem para andar. E' a philosophia dos commodistas que não souberam perder o seu tempo.

OS GATOS

Não ha malicia na publicação d'esta gravura; não ha allusão. Os nossos gatos são inoffensivos. Descance em paz o patriarcha, por excellencia, da seita republicana. Não ficará d'esta vez nem arranhado nem mordido.

Se Deus creou os gatos, arrependido de ter feito os ratos, ou se os creou para temor do republicano-mór d'estes reinos, não é caso para ser decidido tão de leve, não é questão para ser resolvida sobre o joelho.

As qualidades do gato são geralmente conhecidas, a sua utilidade leva de vencida a de muitos politicos da patria de Ullysses.

Querem uns, e aqui se dividem as opiniões dos que entendem da raça, que os gatos sejam ferozes; querem outros que sejam mansos de condição. O sr. Latino Coelho, que é homem de sciencia, vota com os primeiros. Lá terá as suas razões.

A VIUVA

—Estás melhor, filho?

Elle não respondeu: caira n'um lethargo profundo. Depois veiu o delirio. Dizia palavras entrecortadas, incoherentes, estorcia-se debaixo dos lençoes, abria os olhos n'um espanto febril e ficava depois immovel, respirando alto.

Adoecera de repente, uma noite á saida do theatro. No dia seguinte não se levantou da cama. O medico receitou-lhe muito socego e um calmante.

—Então, doutor, é coisa de perigo?

—Não; isto passa.

Nunca mais arredou pé da cabeceira. Preparava-lhe os caldos, amimava-o, conchegava-lhe a roupa, velava-lhe o somno agitado, redobrando de caricias; e elle, com a voz fraca da febre, chamava-lhe «o seu anjo bom!»

A' noite, a Gertrudes estendia um colchão pequeno no quarto do marido, mas não se deitava; passava as horas sem dormir, sempre cuidadosa, inquieta, attenta ao mais pequeno movimento do enfermo. Era toda desvelos, e as que a viam assim solicita, elogiavam-n'a muito: «uma boa esposa! como ella o ama!»

Eram casados havia tres annos, sendo elle então telegraphista. Por morte do pae, a Gertrudes herdou quinze contos em propriedades; o marido deixou logo o emprego para cuidar das terras.

Não tinham filhos. Era o desgosto do Ferreira. Mas a mulher dava graças a Deus por isso.

—Os filhos...—dizia—Estamos melhor assim, mais livres, com menos cuidados...

O doente melhorou e o doutor permittiu-lhe que se levantasse. Assim fez; mas n'essa tarde recaiu e tres dias depois estava morto.

Chamaram logo á pressa o padre Jayme, um rapaz alto, pallido, que recebera as ultimas ordens havia poucos mezes, e muito amigo do Ferreira.

A Gertrudes, ajoelhada ao pé do leito e suffocada em soluços, beijava a mão do cadaver, que esfriava. A' porta do quarto assomavam as caras curiosas d'umas visinhas que vieram ver, e a Maria, a cosinheira, com os olhos vermelhos, assoava-se de vagar ao avental, n'uma afflicção espantada.

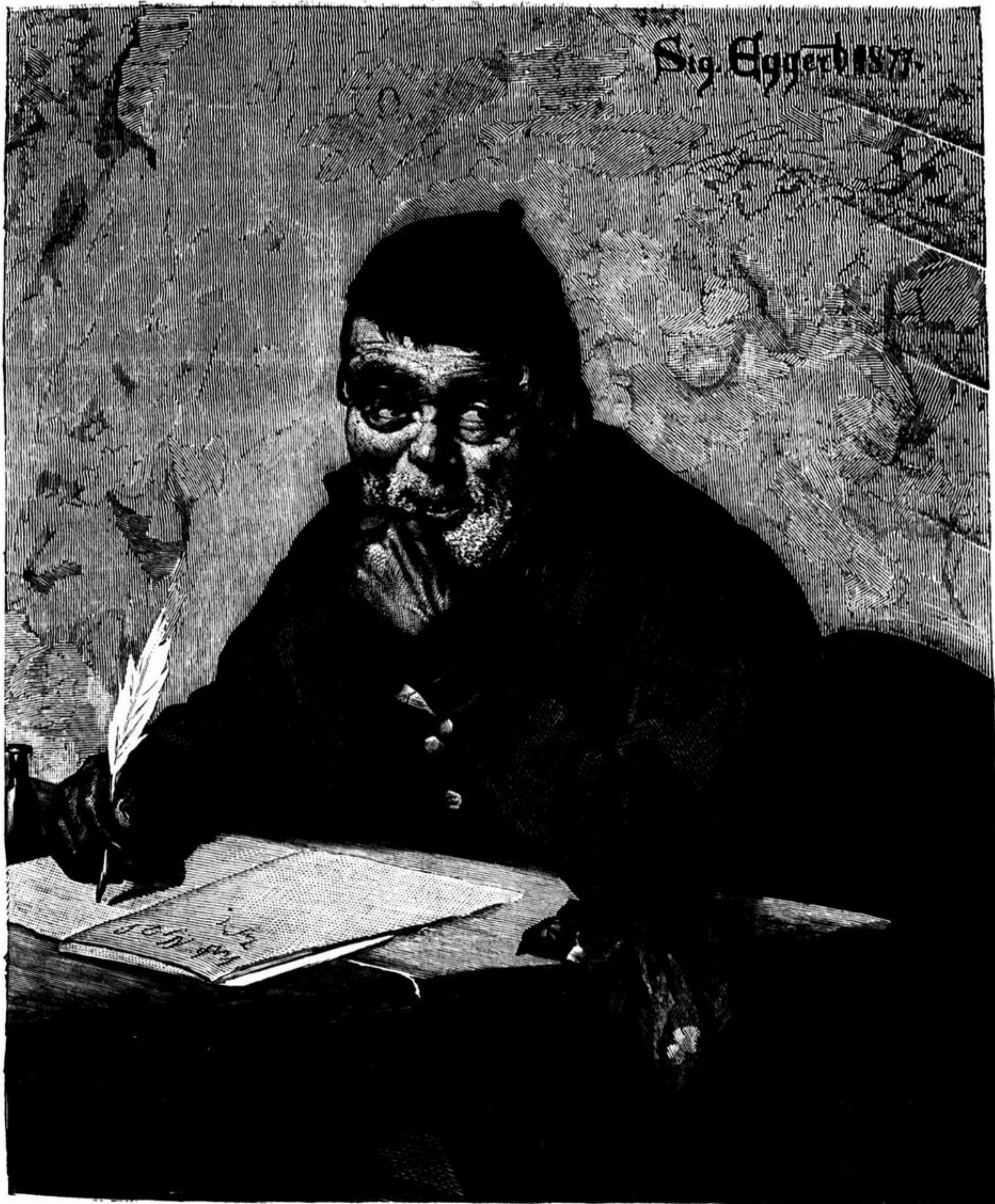
—Resignação, minha senhora!

E o Jayme arrastou brandamente para fóra da alcova a D. Gertrudes, que soluçava.

—São decretos do Altissimo... Não chore! Resigne-se! Paciencia... Paciencia! Todos somos mortaes!

Ella deixara-se levar até ao sophá da sala, onde caiu, estorcendo as mãos, convulsa, n'uma grande dôr.

—O meu Arthur... Ai! o meu Arthur!—E á idéa de se achar só, separada para sempre do seu homem, que a deixára no isolamento da viuvez, um meio soluço estrangulava-a e as lagrimas corriam-lhe apressadas entre os dedos. Aquella separação brusca anniquilava-a. Sentia-se amedrontada perante o enorme deserto do futuro.

O Jayme sentia a influencia d'aquelle desgosto profundo, e junto d'ella dizia-lhe umas palavras de consolação, fallando-lhe da religião, de Christo. Quando a tia Claudina, prevenida momentos antes, appareceu á porta da sala, com os olhos chorosos,

O ESCRIPTURARIO

consternada, o chapeo descahido para a nuca, o cabello meio desmanchado, e um leve tremor crispado nos labios lividos, elle saiu em silencio, discretamente, deixando as duas mulheres abraçadas.

*
* *

Ao cair da noite voltou. O Jayme era muito da casa e vinha estar um bocado, cumprir com o seu dever de amigo. Encontrou na sala as do Bernardo, primas do Ferreira, de vestidos pretos. A Gertrudes, deitada no sophá, soluçava devagar, com o lenço nos olhos.

Havia um silencio pesado no aposento, e um *abat jour* escuro espalhava uma claridade confusa pelos objectos. Fallava-se a meia voz, de manso; lá dentro ouvia-se o andar surdo da tia Claudina, que preparava um caldo. Sentia-se em toda a casa um cheiro vago de cera.

Quando o padre entrou, fez-se um silencio maior, e a Maricas, uma baixinha, curvando-se ao ouvido da prima, disse-lhe:

—E' o sr. padre Jayme...

A Gertrudes ergueu-se um pouco, viu o Jayme em pé, que lhe apertava a mão, acudiu-lhe em turbilhão a sua vida passada, o seu marido, as noites de voltarete, a amizade dos dois, sentiu

uma dor aguda no coração, e desmaiou. Houve logo um arrojar de cadeiras precipitado, uns «ahs!» de susto, umas solicitudes repentinas, e a tia Claudina appareceu á porta da sala, perguntando:

—Que é? que foi!

—Um desmaio, responderam.

—Ai! a minha rica filha!—E correu pressurosa a desapertar-lhe o espartilho, a banhar-lhe as fontes com agua fria, chamando repetidas vezes:—Gertrudes! filha! Ora! ora! valha-me Deus!!

O Jayme retirou-se discretamente para um canto, e pouco depois foi la dentro ver mais uma vez o amigo.

No quarto deserto tinham posto um Christo de marfim, sobre a toalha branca, de rendas, que cobria a meza: aos lados ardiam em crepitações murchas quatro grandes velas de cera amarellada, e em baixo, sobre um tapete verde, de ramagens largas, avultavam as formas hirtas do morto. A luz direita, parada, das tochas derramava tons lividos nas feições rigidas do cadaver amortalhado: as paredes nuas tinham um aspecto desolado na sua brancura fria.

O Jayme entrou de vagar, esteve um instante absorto, com o olhar fixo no tapete, e depois, em silencio, ajoelhando, jeixou de leve a testa gelada do amigo.

No dia seguinte ás onze horas, estava o padre Jayme na sala, recebendo as visitas, que vinham deixar bilhetes, ou escrever os nomes em folhas de papel tarjado: entravam e saiam em silencio depois de lhe apertarem a mão. Lá dentro soluçava-se e aquelles gemidos abafados tinham um tom lugubre.

A tia Claudina pedira-lhe que viesse. Não tinham homem para aquellas coisas: elle então veiu cumprir o dever penoso. A Gertrudes, em lagrimas, pedira-lhe que voltasse sempre, que não a esquecesse, agora que estava só, desamparada, que a consolasse na sua tristeza medonha, porque ella queria separar-se do mundo «um ermo,» queria voltar-se para Deus.

—Só o sr. padre Jayme sabe fazer incutir a fé no corações desolados, com as suas palavras doces, evangelicas,—dizia.......

....

Mais tarde, quando o viam entrar lá, as visinhas, ás portas, commentavam: «Um santo rapaz! Como elle era amigo do Ferreira! D'aquelles ha pouco hoje em dia!»

Ia tambem de noite fazer companhia: estava até ás dez, sentado, com as duas mulheres, na casa de jantar; e emquanto a tia cabeceava estremunhada, elle fallava com a D. Gertrudes, que o ouvia attentamente, quasi esquecida da sua viuvez.

* * *

Mezes depois do enterro do Ferreira o Jayme começou a espaçar as suas visitas. Alguns amigos tinham-lhe dirigido umas allusões claras, fallando-lhe da *viuvinha.* Elle mesmo sentia já uma certa repugnancia por ella, uns remorsos vagos do seu procedimento; e parecia-lhe entrever o olhar severo do amigo, que lhe lançava em rosto a sua traição.

— Como diabo me deixei arrastar a isto? — perguntava, passeiando no quarto.

E apparecia-lhe a Gertrudes, «aquella creatura hedionda», que tão depressa esquecera os seus deveres de mulher honesta. Sentia agora uma certa frieza por ella, uma repulsão instinctiva, e fez o protesto de não voltar lá mais.

— Mas não é possivel: que dirão? que pensarão, se deixar de ir assim de repente?

Esteve um momento scismando:

—Mas é preciso acabar com isto... Ah! já sei...

Tinha tomado uma resolução.

Na primeira noite que lá appareceu, esperou que a tia estivesse presente para fallar da amizade que lhes dedidicava, do desejo que tinha de lhes não causar o mais leve dissabor, da maledicencia dos visinhos; e com muitos rodeios, com meias palavras, disse que já notavam as suas visitas, que lhe attribuiam más intenções e que para evitar isso, pedia que lhe desculpassem o elle não vir tão amiudadas vezes a casa. Que deviam comprehender a sua delicadeza .. que...

A tia teve uma indignação, abrindo os braços magros n'um horror escandalisado:

—Ora! ora! que canalha! Louvado seja Deus!!

—Já vê, minha senhora, que...

—Que gente! que gente! Tem razão, sr. padre Jayme. Dou-lhe toda a razão. Bemdito e louvado... Ora, não ha!...

A Gertrudes ouvia calada. Não disse uma palavra: dirigiu ao Jayme um olhar rancoroso, frio, e quando a tia, d'ahi a pouco, foi allumiar, ficou pregada na cadeira, immovel, silenciosa, tremendo de raiva. Tinha comprehendido. Aquelle *cavaco*, na presença d'um terceiro, fôra calculado, para evitar explicações intimas.

—Biltre! disse.

O Jayme, quando se viu na rua, respirou livremente. Vinha pallido. Receiára um escandalo, uma scena violenta: mas aquelle rompimento com testemunhas tirára-lhe um grande peso de cima, porque ella não poderia denunciar-se á tia. Seria confessar-lhe tudo.

—Safa! Se não está a velha havia scena...

Dois annos depois, passava pela botica a D. Gertrudes pelo braço do marido, tenente de infanteria.

Comprimentaram o grupo, e quando voltaram o canto da rua, o Jayme, afastando-se da porta, disse baixinho ao Mathias, um rapaz baixo, de luneta, pianista:

—Lembras-te do que te contei hontem?

—Sim; e então?

—E' aquella.

—Quem a Fonseca?

—Não: a ex-Ferreira...

LORJÓ TAVARES.

QUADROS SOCIAES

OURO EM PAUL...

Nos tempos de hoje é raro ouvir qualquer lyrismo,
E até já ninguem lê os livros de Musset!
Por toda a parte impera o amor do realismo,
E o moço é velho já, sem crenças e sem fé!

Por isso o mundo ri, se á beira d'um abysmo
Vê uma desgraçada, uma infeliz, que até
Por sommas triviaes, se vende ao sensualismo
Dos devassos gentis da humilima ralé!

Foi assim que hontem vi, já meio esfarrapada,
Nos braços sensuaes da tôrpe garotada,
Uma pobre, que a fome ali levara emfim!

No entanto, tinha mãe; diziam-n'a condessa,
E o pae era banqueiro... Embora! que padeça...
Foi misera? Não fosse .. O mundo é sempre assim!

Porto.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

E' espaço que corre a *Illustração Portugueza*—3—2.
Invisivel e isolado por ser vaidoso—2—1.

Reguengos. MATTOS MENDONÇA.

O oceano faz cair o cabello a esta mulher—1—2.

Palmella X.

EM VERSO

(Ao distincto charadista de Monchique, J. Antonio da Cunha)

Vou hoje, sem mais aquella,
—Isto é termo assaloiado—
Dár um pouco á taraméla,
Com o amigo dedicado.

Não me alcunhe de pacovio;
Não chame doido varrido
A quem o fero microbio
Traz do todo aborrecido

Como este affecto se arreiga
Cá dentro, no coração,
Dar-lhe-hei, e com manteiga,
D'esta bebida porção—1

P'ra que fique satisfeito,
Das offertas que numéro;
Troque prima, mas com geito,
E achará que fica *zéro*.—2.

Quem ha, que peça conceito,
De tão facil *producção*?
Eu dal-o, mesmo mal feito,
Lá n'essa... não caio, não!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

LOGOGRIPHOS

E' producto vegetal } 3, 4, 2, 3
E d'animal vem a ser; }

Nos navios has de achar } 7, 8, 4, 8
E nas montanhas. Quer's crer ? }

N'uma jornada que fiz, } 5, 1, 8
Uma mulher amar quiz. }

Um diz fazer somno; então?! } 6, 8, 6, 8.
Outro responde que não. }

Colloca, leitor, as lettras
P'la ordem que deve ser;
Depois de assim collocadas,
Um lindo nome has de ver.

THAUMATURGO.

Aqui tens um mineral -5, 6, 5, 6, 7, 6
E mais este vegetal—2, 1,6.
Um conhecido animal—3, 4, 5, 6
Que se vê no tribunal—7, 8, 5, 6.

Por conceito, meu leitor,
Dou-vos mais um animal,
Que, por certo, não encontras
Em terras de Portugal.

A. D.

PROBLEMA

Quinze educandas passeiam diariamente em grupos de tres. Pergunta-se de que maneira devem ser formados estes grupos, para que, durante sete dias, qualquer d'ellas se não ache junta com qualquer das outras

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Andaluzia—Joanna—Salutar—Seara—Velocidade—Jocoso—Poesia.

N. B.—A terceira charada novissima do nosso ultimo numero deve ler-se: «Este appellido para brigar é bom -1—2.»

DO PROBLEMA :

Procurando os divisores de 6720, acham-se entre elles os numeros 4, 5, 6, 7 e 8, que satisfazem ao problema. Logo, o cadeado tem 5 anneis, tendo o primeiro 4 lettras, o segundo 5, o terceiro 6, o quarto 7 e o ultimo 8.

A RIR

Entre estudantes de instrucção primaria :

—Francamente, tenho pena de não ter vivido no tempo de D. Affonso Henriques !

—Porque ?

—Ora essa! Porque escusava de estudar o resto da historia de Portugal.

*

A menina X... intentára demanda contra um libertino que a havia seduzido, para o obrigar a casar com ella, e ia quasi todos os dias a casa do advogado, inteirar-se do andamento do processo.

—Isto não vae bem, dizia-lhe o advogado gravemente; faltam provas.

—Pois tratemos de as arranjar, respondia-lhe a queixosa.

Um dia entra esta, muito açodada, no escriptorio do advogado, e exclama :

—Já temos provas!

—Ora, ainda bem. Então, é negocio seguro. Queira dizer.

—O perfido, sabendo que eu hoje estava sósinha em casa, foi ter commigo e... seduziu-me outra vez.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA TIRAR NODOAS DE VINHO, DE FRUCTA E DE SUCCOS VEGETAES

Para as nodoas recentes, basta a agua, onde se devem conservar os tecidos, em que cahiu a nodoa, até que esta tenha desapparecido. Para fazer desapparecer as nodoas antigas, submette-se o panno á acção de vapores sulfurosos. Se a nodoa é devida á acção de principios acidos, desapparece facilmente, lavando-a com ammoniaco dissolvido em agua.

O CORPO DIPLOMATICO NO TEMPO DE D. JOÃO V

No meio da decadencia profunda que invadia o nosso paiz no tempo d'el-rei D. João V, appareceram, ainda assim, homens de valor, que, melhor aproveitados, podiam ter contribuido para levantar a nação do abatimento em que jazia.

Pena é que as memorias nos escasseem tão completamente que não possamos reconstituir facilmente na imaginação essa côrte deslumbrante de D. João V, em que figuraram, a par de homens verdadeiramente interessantes pelos seus talentos, outras individualidades pelo menos pittorescas, que contribuiriam de certo para formar um quadro formosissimo, se houvesse em Portugal os elementos para se poder reconstituir uma epoca como os Goncourt, por exemplo, reproduziram na sua curiosa historia de Maria Antonieta a côrte de Versailles e de Trianon.

O corpo diplomatico portuguez possuia então homens verdadeiramente apreciaveis, como eram André de Mello e Castro, que foi ministro portuguez em Roma, onde sustentou com grande energia os direitos e os interesses da corôa portugueza. As instrucções que elle levou para Roma, e que foram publicadas n'um dos volumes do *Panorama*, honram quem as redigio e honram quem soube executal-as com firmeza e dignidade. Ao lerem-se essas instrucções, parece impossivel que ellas emanassem de um governo essencialmente devoto, como era o de D. João V, sempre curvado aos pés do Papa, para pedir um patriarchado, indulgencias sem conto, uma bulla para se dizerem tres missas no dia de finados, etc.

Fr. José Maria da Fonseca e Evora, que esteve em Roma e que teve depois um arcebispado, era escriptor distincto e homem de vasta erudição.

Antonio Freire de Andrade Enserrabodes foi ministro em Londres e em Roma. Era homem de finissimo trato e de immenso espirito. Foi o que o perdeu. Casimiro Delavigne põe na bocca de Ricardo III este verso atroz, que se dirige aos filhos de Eduardo:

Quand ils ont tant d'esprit, ses enfants vivent peu

No tempo do marquez de Pombal, eram tambem os velhos que viviam pouco, quando tinham muito espirito. Foi o que succedeu a Antonio Freire de Andrade Enserrabodes. Quiz ter o seu *franc parler;* o marquez de Pombal, sem se importar com a sua idade, encarcerou-o, e o pobre velho lá morreu no carcere.

O conde de Villar-Maior, Fernão Telles da Silva, foi ministro em Vienna d'Austria, e fez alli uma entrada solemne com tal pompa, que depois, na Allemanha, quando se queria fallar de embaixadas pomposas, comparavam-se com as portuguezas.

Sebastião José de Carvalho e Mello foi ministro em Vienna e em Londres. Para fazer o elogio d'esse diplomata, basta saber-se que foi elle depois o famigerado marquez de Pombal.

D. Luiz da Cunha foi ministro em Paris, Londres, Madrid e Haya. Era um diplomata da grande escola, homem verdadeiramente superior, pouco desejoso de viver em Portugal, onde o seu espirito não era dos mais compativeis com a Inquisição. Foi elle um dos que mais brilhantemente sustentaram a honra do nome portuguez nas importantes negociações que houve no tempo de D. João V, e de que sempre saimos airosamente.

Marco Antonio de Azevedo Coutinho foi ministro em Paris e Londres, esteve no congresso de Cambray, e foi, como hoje diriamos, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros. Apezar de ser um dos ultimos ministros de D. João V, porque morreu a 19 de maio de 1750, e pouco precedeu no tumulo o seu regio amo, apezar de pertencer por conseguinte a esses ministerios essencialmente beatos, que governaram o paiz nos ultimos tempos da vida de D. João V, e de cuja inutilidade e insignificancia, tanto zombava Alexandre de Gusmão, Marco Antonio ainda conservava um pouco as tradições da escola de Diogo de Mendonça Corte Real, e pertencia, posto que como estrella de segunda ordem, á pleiade de diplomatas, que tinha como astros de primeira grandeza D. Luiz da Cunha, o conde de Tarouca e outros.

O conde de Tarouca effectivamente, que foi ministro na Austria, e que foi um dos negociadores portuguezes em Utrecht, sendo o outro D. Luiz da Cunha, pertencia ao numero d'esses diplomatas, que, se fossem ouvidos, saberiam manter Portugal, senão nas alturas de potencia de primeira ordem, o que já não era possivel no seculo XVIII, pelo menos no logar em que figuram as nações, que, sem tomarem a iniciativa dos negocios europeus, são sempre ouvidas e consultadas. Esse logar alcançam-n'o as nações muitas vezes pela habilidade dos seus diplomatas, mas é preciso que os governos lhes dêem força. Eis o que não succedia no tempo de D. João V. Por mais de uma vez succedeu po-

der Portugal ser escolhido para arbitro em conflictos entre as grandes potencias, mas o governo de Lisboa accudia logo a esquivar-se a esse papel brilhante, a censurar até uns diplomatas que tinham dirigido as coisas n'esse sentido.

Antonio Guedes Pereira, ministro em Madrid, foi tambem ministro dos negocios ultramarinos. Morreu ainda em vida de D. João V, no dia 22 de março de 1747. Pertencia ao grupo de que fazia parte Marco Antonio de Azevedo Coutinho. Uma nota curiosa: este homem que foi ministro de Estado e ministro n'uma das nossas principaes legações, era apenas cavalleiro da ordem de Christo!

Qual era o amanuense que hoje se contentava com o simples habito?

José da Cunha Brochado foi quem dirigiu as negociações para o duplo casamento do principe do Brazil com uma infanta hespanhola e do principe das Asturias com uma infanta portugueza. Homem finissimo, escriptor agradavel, deixou memorias interessantissimas, que infelizmente se não publicaram, como succedeu tambem com as *Memorias* de D. Luiz da Cunha. Que preciosos elementos para a historia portugueza ali se não encontrariam!

O marquez de Abrantes, D. Rodrigo, foi ministro em Roma e em Madrid. Era embaixador de apparato, proprio para as grandes pompas e para as grandes solemnidades officiaes. Protector esclarecido das artes, como o provou, apadrinhando o illustre pintor Vieira Lusitano, erudito, mas com o genero de erudição especial que servia então para dar mais lustre á nobreza, que habilitava os fidalgos que a possuiam a fazerem uns discursos gongoricos em plena Academia Real de Historia, e a tecerem com o competente urdimento mythologico, os panegyricos dos reis e dos principes, o marquez de Abrantes era o mais brilhante representante que podia ter a magnificencia de D. João V nas côrtes estrangeiras.

Pedro Alvares Cabral foi tambem ministro em Hespanha e soube manter com energia os fóros da nação n'um deploravel conflicto que se travou em Madrid, em que entraram uns criados seus. N'esse ponto é que os nossos ministros no estrangeiro encontravam sempre da parte do governo de D. João V o mais

OS GATOS

decidido apoio. Orgulhoso em extremo, não consentia que se tivesse por elle menos consideração do que a que se teria por Luiz XIV. O governo d'esse soberano poderia ceder em tudo quanto fosse prejudicial aos interesses do paiz, não arredava um passo em tudo quanto fosse menosprezo das formulas da etiqueta, e das considerações externas pela pessoa ou pelos representantes do rei de Portugal.

O conflicto azedou-se, e esteve quasi rebentando a guerra entre Portugal e a Hespanha. Chegaram-se a fazer preparativos, e o governo reconheceu com tristeza que de um momento para o outro poderia dispor de um exercito de doze mil homens e de uma esquadra de quatro naus de linha. O proprio Napoleão e o proprio Nelson vêr-se-hiam seriamente embaraçados com esses elementos para entrar um em Madrid, e para conquistar o outro as Antilhas. Felizmente a Hespanha relativamente não estava muito melhor preparada, e, como D. João V, era rico, e poderia talvez, á falta de recursos proprios, subsidiar o exercito e as esquadras estrangeiras, foi de interesse de ambas as côrtes chegarem a um accordo. Em tudo isto o mais curioso foi ser o primeiro preparativo de guerra feito por D. João V a encommenda para França de uma esplendida barraca de campanha para seu proprio uso, que esteve em exposição em Anteuil, e foi o enlevo e a admiração dos basbaques parisienses.

Outro qualquer começaria talvez por encommendar canhões; mas emfim cada qual tem o seu feitio e o seu systema.

Diogo de Mendonça Corte Real foi ministro na Haya e ministro dos negocios estrangeiros. No exercicio de um e de outro cargo se mostrou diplomata e estadista de primeira ordem.

Alexandre Metello de Sousa Menezes foi como embaixador á China. Era homem de alto valor. Foi presidente do Conselho Ultramarino, e, no tempo da sua gerencia, se tomaram medidas excellentes com relação á colonisação do Brazil. Nem tudo eram encommendas de barracas de campanha no tempo de D. João V, e o Brazil não chegou nem podia chegar ao grau de desenvolvimento a que attingio, sem que para isso tivesse contribuido efficazmente a administração metropolitana.

Foram estes os diplomatas mais notaveis no tempo de D. João V. Fizeram parte além d'isso do seu corpo diplomatico Pedro da Motta e Silva e Manuel Pereira de Sampaio, que foram embaixadores em Roma, e o conde da Ribeira Grande e Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda, que foram ministros em Paris, Pedro de Vasconcellos e Sousa e o viscoude de Villa Nova da Cerveira que o foram em Madrid, Jacyntho Borges de Castro, Antonio Galvão de Castello-Branco e Joaquim José Fidalgo da Silveira que o foram em Londres, e finalmente Francisco de Sousa Pacheco que o foi na Haya. Constituia o corpo diplomatico, em tempo de D. João. V, o corpo escolhido, a *éite* do funccionalismo portuguez.

PINHEIRO CHAGAS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA